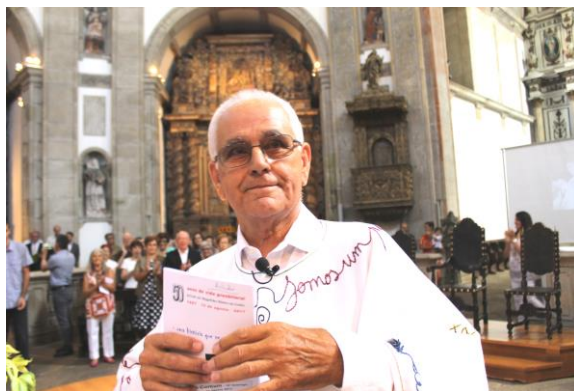


**«Creio que a história desta comunidade
não ficará apenas como um
caso de estudo».**

Fr. Bento Domingues



**a inspirada
e inspiradora
Serra do Pilar**

L. Algumas Igrejas cristãs viveram o Oitavário de Oração pela Unidade de todos os cristãos, purificando a memória das guerras do passado e trabalhando a erguer pontes, num tempo em que se voltou ao ridículo de acreditar que só podemos construir o bem de uns com o mal dos outros. Em vez da cooperação, voltamos às rivalidades de destruição. A vontade de servir a alegria não será melhor do que a vontade de dominar?

A história das divisões, entre cristãos, remonta ao primeiro século. No Domingo passado, já S. Paulo perguntava se Cristo estava dividido, para que alguns andassem a dizer: “Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Pedro, eu sou de Cristo.” Para se colocar fora dessa competição, acrescenta: “O baptismo que recebestes não é de Paulo nem de Pedro nem de Apolo. É de Cristo.”

Vivemos, nos últimos tempos, um equívoco ao nível da liderança da Igreja Católica. Alguns meios de comunicação social, e não só, davam a entender que havia dois papas: Bento XVI e Francisco. Se isso fosse verdade, a Igreja estaria dividida na sua própria liderança. De facto, Bento XVI renunciou a continuar Papa por razões que ele próprio explicitou. Quem, depois, foi eleito Papa foi o cardeal argentino Bergoglio, que se tornou o bispo de Roma e

o único Papa da Igreja, com o nome de Francisco, inspirado em S. Francisco de Assis, marcando dessa maneira a orientação do seu pontificado.

Dizer, agora, que existem os católicos de Bento XVI e os católicos de Francisco é aceitar o que S. Paulo recusava. Seja qual for a tendência, a vocação de todos é tornarmo-nos cristãos, seguidores do caminho aberto por Cristo, graça e tarefa para a vida toda. É normal que se afirmem várias sensibilidades e carismas. Devem robustecer a plural vida da Igreja. O que se pretende, com o movimento ecuménico, é a união dos cristãos nas suas legítimas diferenças. Não devem ser a cópia uns dos outros nem absolutizar as suas diferenças, tornando-as incompatíveis. O Espírito de Cristo é libertador de todas as energias criativas nas comunidades cristãs. Na vida concreta, são inevitáveis as tensões, mas a única forma de as superar é a escuta dos outros e das suas razões, para tornar possível diálogos fecundos.

Parece-me pouco cristão, embora não seja caso único na história das Igrejas, que Cirilo, patriarca da Igreja Ortodoxa Russa, ande a incentivar os padres a irem para a frente de combate para abençoar os soldados. Consta, da história, que os primeiros cristãos até recusavam o serviço militar para não participarem na violência da

guerra.

Estamos cada vez mais longe da mensagem de Paulo VI, na ONU: *nunca mais a guerra*. Há 50 anos, Portugal estava envolvido em três frentes de guerra: Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, como vimos na última crónica.

2. Na celebração da Eucaristia deste Domingo, são proclamadas as Bem-aventuranças, segundo S. Mateus (5, 1-12). A versão de S. Lucas (6, 20-26) tem acentuações um pouco diferentes, porque os primeiros destinatários também eram diferentes. Mateus dirigia-se, sobretudo, aos judeus convertidos a Cristo; Lucas dirigia-se aos convertidos do paganismo.

Há muitos estudos de exegese bíblica e teologia sobre o chamado “*Sermão da Montanha*”. Pode parecer que remete a felicidade, como dom de Deus, para depois da morte. É, no entanto, para mudar o presente, a situação desumana de cada época. Não é por acaso que as duas versões começam com os pobres, não para uma consagração da situação da pobreza imposta. A pobreza voluntária é a felicidade de quem sabe viver com pouco, sem espírito de ganância, e não se resigna a um mundo de injustiça e miséria. Não esquece o destino universal dos bens deste mundo. O mundo é de todos e para todos. As verdadeiras reformas da Igreja, em todos os tempos, começam

por não esquecer a conclusão da parábola dos *Actos dos Apóstolos* não havia necessitados entre eles, porque tinham o sentido e o espírito de partilha.

Hoje, a palavra de ordem da militância das comunidades cristãs deve ser *Justiça e Paz*. Não pode haver paz com o crescimento da injustiça: em dez anos, a riqueza dos bilionários quase duplicou e os mais ricos (1% da população) concentram nas suas mãos o dobro da riqueza detida por 99% dos habitantes do mundo inteiro. A conclusão consta de um estudo da Oxfam, divulgado no passado dia 16 de Janeiro, quando estavam reunidos, na Suíça, os participantes do Fórum Económico Mundial [1]. Isto é uma vergonha.

3. Desabrochou para a vida eterna da alegria, no dia 18 deste mês, o Pe. Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha, conhecido pela sua actividade pastoral inovadora na Comunidade Cristã da Serra do Pilar (Gaia, diocese do Porto).

Faz parte da breve história dessa comunidade uma referência ao Pe. Leonel do Padrão da Légua que, em 1974, tinha escrito: “Precisamos de encontrar urgentemente formas progressivas de vida comunitária intensa, onde cada um se conheça pelo seu nome, pelos seus problemas, pelas

suas possibilidades e pelos seus dons, pela sua Fé. É necessário ultrapassar, custe o que custar, ainda que seja preciso arriscar tudo por tudo, a igreja-das-grandes-massas, onde cada um corre o perigo de andar a vaguear mais ou menos irresponsavelmente, em risco de se perder. É preciso que acabe definitivamente o escândalo de as pessoas se perderem dentro da própria Igreja. A igreja-das-grandes-massas nunca pode ser Comunidade.” [2]

Esta convicção era muito partilhada, em vários países, como fruto de muitas experiências a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e não só. Tornou-se uma grande referência o chamado “*Pacto das Catacumbas*”, redigido e assinado por 40 padres conciliares (16/11/1965), pouco antes da conclusão do Concílio. Não cabe nestas poucas linhas descrever o que foi o fervor pelas *pequenas comunidades* e as razões porque vingou em poucos lugares.

No *7Margens*, houve o cuidado de recolher depoimentos sobre vários momentos dos itinerários da comunidade da Serra do Pilar e o papel desempenhado pelo Pe. Arlindo Magalhães. Não era o dono da comunidade, era um dos seus

animadores mais conhecedor e imaginativo. Não lhe interessava mandar, mas estimular. É, pelo menos, o que experimentei na resposta a vários convites para participar em alguns dos seus momentos. Creio que a história desta comunidade não ficará apenas como um *caso de estudo*.

Por outro lado, a Serra do Pilar não era o seu único mundo. Não seria possível, por exemplo, recolher em livro as suas magníficas crónicas no *Mensageiro de Santo António*? A divulgação da cultura, do património, da arte, dos costumes, das gentes, dos lugares e da fé deixaram um rasto de valor incalculável nas páginas dessa revista. A sua direcção talvez goste de as resuscitar numa publicação acessível às novas gerações.

Ontem, celebrámos a memória litúrgica de S. Tomás de Aquino. Terei de o lembrar em próxima ocasião. Tentar fazer deste incendiário um bombeiro, como disse Umberto Eco, é uma traição que importa recusar.

[1] Cf. Relatório de Oxfam, Janeiro 2023

[2] <https://serradopilar.com/apresentacao-da-comunidade/>

Frei Bento Domingues O.P.

Jornal Público, 29 de Janeiro de 2023.

a Comunidade Cristã da Serra do Pilar

NA MORTE DO P. ARLINDO DE MAGALHÃES RIBEIRO DA CUNHA é devida uma palavra ao seu trabalho à frente da Comunidade da Serra do Pilar. Durante cerca de meio século, este sacerdote, juntamente com alguns outros presbíteros colaboradores, esteve à cabeça dessa experiência eclesial que merece o nosso olhar, pela originalidade do seu modo de ser Igreja. Durante todos estes anos, um grande número de pessoas se formou na fé, celebrou a liturgia, instaurou a fraternidade, recebeu apoio para o seu empenhamento em causas de testemunho cristão a vários níveis. Alguns aspectos da vida da

Comunidade da Serra é interessante pôr em evidência nesta hora de mudança e de balanço.

Não sendo uma paróquia, essa comunidade cristã tentou pensar-se de modo institucional diferente. Essa perece mesmo a sua originalidade. Dando como assente que a estrutura paroquial da Igreja está um pouco esgotada, a Comunidade da Serra assenta numa estrutura de adesão espontânea, de pessoas que pertencem aos territórios mais diversos e vivem a sua pertença à Igreja de um modo diferente da tradicional pertença baseada na divisão administrativa e paroquial. Esse modo de viver cristãmente a comunidade tem uma virtualidade grande e talvez

tenha futuro. Pelo menos em meio urbano, como é a maior parte da nossa Diocese, o modelo de pertença pessoal vai ter cada vez mais futuro. Todos conhecemos os constrangimentos que nos surgem pelo facto das pessoas hoje não *terem o sentimento de pertença* à comunidade cristã *baseadas no território paroquial* e queremos celebrar o batismo ou o casamento em Igrejas que não são o seu lugar de residência. Por isso, a Comunidade da Serra tem desempenhado um papel interessante nesta hospitalidade a tantos que não vivem a inserção à moda antiga.

As pessoas que ao longo dos anos têm frequentado a Serra do Pilar falam do seu viver em Igreja como forma de regresso ao passado, em que a Igreja era doméstica, passado que será talvez também o futuro. Mas o mais interessante do que isso, é certamente a forma

pessoal e espiritual da vinculação. Por alguma razão, uma das coisas boas que a Serra desenvolveu, nos seus tempos áureos, foi a iniciação cristã e o catecumenato. Esse legado não pode deixar de ser prezado, nesta hora de mudança. As nossas paróquias um pouco envelhecidas têm dificuldade esta forma de melhoramento da adesão dos fiéis, mediante o aprofundamento da iniciação cristã e da formação, tanto da formação inicial como da formação contínua.

A Comunidade da Serra fez outras experiências interessantes, para quem vê de fora, como é o meu caso. Trata-se do modo da própria estruturação da vida comunitária. Alguma vez foi ensaiada a distinção entre a presidência e o serviço ministerial do presbítero. Este ponto é delicado, por levar-nos ao fundo de um grande número de questões que

são ainda do futuro e não do presente. Reparemos que está em causa a própria distinção entre clérigo e leigo que é um dos problemas que hoje divide a teologia. De facto, a carisma da presidência da comunidade, com o poder de agir correspondente, só pode vir da vocação ao apostolado, que é uma experiência de proximidade de Cristo com uma pessoa fiel. Até agora temos identificado esta pessoa com o sacerdote, segundo o modelo tradicional. Talvez o futuro nos traga alguma novidade no que toca aos ministérios da Igreja também e venhamos a confiar a presidência da comunidade às pessoas que manifestem validamente o carisma apostólico da presidência e não simplesmente aos que, segundo a regra vigente, ordenámos presbíteros. Há muito caminho para fazer. É justo reconhecer

que a vida da Comunidade da Serra do Pilar teve, e esperamos que continue a viver, formas inovadoras de um cristianismo para o futuro. Se alguma coisa tem menos conseguido, com um certo isolamento, uma certa incapacidade de conviver com o modelo paroquial dos cristãos comuns, por exemplo aquele que, não pertencendo à Comunidade, tiveram dificuldade em celebrar lá o baptismo ou o casamento, isso faz parte do confronto de legítimas diferenças no modo de entender a vida cristã.

Aqui fica um gesto de gratidão ao P. Arlindo Magalhães e um desafio aos cristãos da Comunidade para que possam continuar a afirmar a sua legítima diferença na forma de se organizar, de celebrar, de servir o progresso do Evangelho no nosso atribulado mundo.

DR. JORGE TEIXEIRA DA CUNHA.

Em *Editorial* no *Jornal Voz Portucalense*, na sua página 4, de 25 de janeiro de 2023.

que é o sal ...

COMEÇOU LOGO A PERCORRER TODA A GALILEIA, *idades* e aldeias, a fazer e refazer a aliança entre Deus e o povo, a anunciar a Boa Nova, a curar doenças e enfermidades; mas fazia também visitas, visitava este e aquela, percorrida logo começou a percorrer toda a Galileia a anunciar a Boa Nova, curando ao povo todas as suas doenças e enfermidades; mas fazia também visitas, visitava este e aquele, mas também onde encontrou uma verdadeira feira, vendedores de bois, ovelhas e pombas, e cambistas a cambiar. *"Tirai isso daí, não façais uma feira da casa de meu Pai"* (Jo 3,15-16). *"Vós é que sois o sal da terra. E se ele corromper com que se há-de salgar? Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte"* (Mt 5,1).

Que quer isto dizer?

Que é o sal e que saberei eu dizê-lo?

O sal é um efficacíssimo conservante (há milénios que se lhe deve a salubridade prolongada de alimentos que, sem ele, ter-se-iam perdido), o sal rouba água, seca tudo (o que reduz a vulnerabilidade de ataques bacterianos), mas — como sabemos — o sal tem muito a ver com a cozi-

nha, com a saúde, com o equilíbrio do organismo humano, nomeadamente com a tensão arterial, etc, etc, etc.

O sal era muito abundante na Palestina, sobretudo no Mar Morto (morto porque nele, a profusão de sal era tal que mata-va a vida animal e vegetal).

Depois do exílio, quem fizesse ofertas a IAVÉ no Templo de Jerusalém, devia salpicá-las com sal. Porquê? É que, com Deus, fazia-se assim uma *"aliança eterna"*: *"O Senhor, Deus de Israel, deu para sempre o Reino a David e seus filhos, em virtude de uma aliança perpétua"* (2Cr 13,5)... e, portanto, sal para significar essa *"aliança perpétua"*.

É que o sal puro não perde o seu sabor; o impuro, sim, pode perder a salinidade.

Por isso é que, no Baptismo, se metia na boca do baptizado uma pedrinha de sal? *"PARA SEMPRE!"*. Claro que, modernamente, se percebeu que não era nada higiénico e sal saiu do Ritual.

Do mesmo modo, quando Jesus disse aos discípulos *"vós sois o sal da terra"* queria dizer-lhes *vós sois a aliança de Deus com o povo vivo.*